

O MUNDO É PLANO*

A Ad Hoc Consultores Associados Ltda disponibiliza, abaixo, um resumo da publicação ***O Mundo é Plano***.

Trata-se de uma análise oportuna e multifacetada da globalização, seus êxitos e opositores, realizada com rigor e clareza por um dos mais respeitados jornalistas norte-americanos, **Thomas L. Friedman**, que conquistou três vezes o Prêmio Pulitzer por suas colunas de política externa no jornal The New York Times. Permanecendo por mais de 30 semanas na lista de mais vendidos do The New York Times, esse livro pretende desmistificar, para os leitores, esse admirável mundo novo, nivelado pelas forças globalizantes, oferecendo uma perspectiva grande-angular do desconcertante caleidoscópio global, que se transforma constantemente, diante dos nossos olhos.

“A globalização é um processo de integração de diferentes partes do mundo e culturas em uma determinada cadeia de valor associada à produção de bens e serviços. Estas redes decorrem da interligação (infra-estrutura) de todos os centros de conhecimento do mundo, EM TEMPO REAL. Esta interligação tanto pode ser construtiva (redes de colaboração) ou destrutiva (Al Qaeda).

A globalização teve três fases. Colombo e as grandes navegações (1492) deflagraram a primeira delas, que terminou, mais ou menos, em 1800. A segunda fase corresponde à Revolução Industrial e, no século XXI, inicia-se a terceira fase da globalização.

Na fase 1, a religião e o expansionismo, movidos à força muscular (mecânica), foram os principais fatores facilitadores/catalisadores da mudança. Na fase 2 as multinacionais e máquinas substituíram o Estado e a força muscular; foi a era do hardware. A fase 3 tem no indivíduo e no software (tecnologias e gestão de conhecimento) suas forças motrizes.

A fase 3 da globalização é a fase da colaboração multifacetada, da digitalização, da terceirização e da mobilidade total, quase instantânea, do capital e do trabalho. Suas principais mudanças são o encolhimento do mundo e seu achatamento (nivelamento de culturas, tecnologias e regras). O encurtamento virtual do mercado, que opera em turno único de 24 horas, provoca deslocamentos significativos e

bruscos da produção e da renda, com destaque para a ascensão da Ásia, dado o peso de sua demografia.

No nível sociológico, esses deslocamentos e seus vetores resultantes, criam novos modelos de integração corporativa, novos modelos sociais (relacionamentos), políticos e empresariais, em tipos e escalas inéditas, gerando grandes esforços para a INCLUSIVIDADE em todos os níveis (do individual ao coletivo, institucional, etc.).

Um marco importante do início da fase 3 da globalização foi a queda do muro de Berlim. A partir daí, o liberalismo, a democracia e o livre mercado sobrepujaram o autoritarismo e as economias de planejamento centralizado.

O comunismo, grande esperança das mentes autoritárias, revelou-se uma forma eficiente de disseminação da pobreza. Diferentemente do capitalismo, que geralmente leva à desigualdade de distribuição da riqueza.

A explosão da liberdade deflagrou um processo de convergência das sociedades em direção à democracia e à abertura econômica, facilitando a disseminação das melhores práticas.

Os sistemas autoritários, baseados no monopólio da informação e da violência, perderam um de seus pilares, desmoronando diante da onda de fortalecimento dos indivíduos propiciada pela livre-circulação da informação e do conhecimento. O FAX e a Internet venceram o canhão e os ICBM's.

A reação dos excluídos (auto-excluídos) foi orientada pelos fanatismos religiosos e os ódios raciais.

Em 1991 a World Wide Web, a Web, surgiu a partir da internet que, de 600 mil usuários, pulou para 40 milhões, num prazo de cinco anos.

A euforia da conectividade levou à expansão da infra-estrutura (cabos, telefones, satélites, etc.), a qual levou, entre outras consequências, à explosão da bolha das PONTO.COM (2000). A consequência dessa débâcle foi a busca obstinada pela eficiência, cujo resultado foi o fortalecimento da revolução digital, um dos principais motores da globalização, fase 3.

A partir daí, cada inovação catalisava a seguinte. A padronização das plataformas tecnológicas liberou as pessoas para focalizarem nos

conteúdos de suas atividades, já que a acessibilidade aos meios deixou de ser um problema. A diferenciação, conseqüentemente, passou a ser o produto mais valorizado, assim como a inovação.

Nesse mundo regido por expansão de diferenciação e compressão de custos, ter uma cadeia de fornecimento inteligente e rápida tornou-se uma das melhores formas de vencer a concorrência. O melhor exemplo disso é a Wal-Mart. O Just in Time é outro exemplo do “santo graal” da indústria: o equilíbrio perfeito entre fornecimento e demanda (há até cadeias de fornecimento que se reconfiguram automaticamente).

Na medida em que aumentam a abertura e a colaboração global, há um incremento da confiança e da interdependência entre os elos das cadeias de fornecimento e criação de valor. Quebras de confiança e isolacionismos, tais como ações terroristas e preconceitos étnicos são as principais ameaças ao avanço e ao aperfeiçoamento da globalização.

As Forças Potencializadoras (esteróides):

- 1- A computação, cada vez mais “natural” e interativa;
- 2- A velocidade da troca de informações e dados (FTP);
- 3- A chamada telefônica via internet (VOIP);
- 4- A videoconferência;
- 5- Computação gráfica;
- 6- WiFi, Bluethot→wireless
- 7- Miniaturização.

Resumindo, a queda do muro de Berlin, o surgimento do computador pessoal (PC), a Web, a digitalização, a terceirização, o off-shoring, a cadeia de fornecimento e as forças (tecnologias) potencializadoras se reforçam mutuamente, como uma bola de neve, ampliando a escala e o escopo da globalização.

Assim, a riqueza e o poder vão se deslocar na direção de países, empresas e pessoas capazes de se conectar, que tenham infraestrutura, educação e governança- capacidade de gestão – para atenuar os efeitos negativos da conectividade global.

As novas tecnologias usadas para fazer coisas diferentes de maneiras diferentes (inovação), promoverão saltos de produtividade,

acentuando os processos schumpeterianos de destruição criativa. Novas formas de se fazer negócios surgirão.

Por si só a T.I (tecnologia de informação) não resulta em aumento de produtividade. O que gera isso são as novas formas de usar a T.I em novos negócios, em novos processos e habilidades capazes de usar a T.I de forma inovadora.

Montar equipes colaborativas, personalizadas, ad hoc, Taylor-made^{1*}, para o cliente. Gerar soluções capazes de criar valor, usando formatos e abordagens não tradicionais de integração de conhecimentos, criando uma configuração inovadora².

ESTRATÉGIA AD HOC:

- 1- Identificar a proposta de valor necessária para cada caso, selecionar e juntar talentos individuais da força de trabalho disponível, formando uma nova empresa virtual, exclusiva de um determinado cliente (e dedicada a ele).
- 2- Montar equipes colaborativas, transversais, que atuem horizontalmente.
- 3- Manter um site na Web, demonstrando o trabalho e interagindo com os stakeholders.

“Todos eles sabem o segredo, mas ninguém queria contar às crianças.”

A tecnologia vai transforma a sociedade, os indivíduos.

Precisamos de maneiras consensuais de estabelecer autoridade e construir comunidades, trabalhar, proteger direitos autorais e saber em quem confiar.

A verdade nua e crua é que gerentes, acionistas e investidores basicamente não querem saber de onde vêm seus lucros, nem onde se criam empregos. O que querem é uma empresa viável. Já os políticos querem estimular a criação de empregos no reduto de seus eleitores. A população, por sua vez, quer bons empregos e renda para si. A única maneira de unir interesses dessas partes – empresa e lugar – é contar com uma população bem preparada, capaz não só

¹ Feita sob medida para uma demanda específica.

² Abordagem que coincide com a proposta da Ad Hoc Consultores Associados Ltda.

de conquistar sua fatia no bolo global, como também de inventar novos recheios e pedaços.

Como consumidores queremos os remédios mais baratos que as cadeias de fornecimento globais puderem nos proporcionar, mas como cidadãos, queremos que nossos governos supervisionem e fiscalizem essas cadeias de fornecimento, mesmo que para tanto seja preciso manter ou mesmo criar algumas barreiras novas.

“Quando é a gente que fica sem emprego, a taxa de desemprego não é de 5% ou 10%, é de 100%.”

O livre comércio, embora benéfico e necessário para promover a eficiência e a inovação, por si só, não é suficiente. Precisa estar acompanhado de uma estratégia com foco interno, com objetivo de elevar o nível de educação da população, de forma a ser capaz de concorrer no mundo globalizado.

No longo prazo, o *bottom lining* deve reverter-se, com uma convergência de salários globais para patamares cada vez mais elevados. O que fará a diferença serão os nichos de bens intensivos em idéias, imaginação, design e “jenesequá” (como diria Stanislaw Ponte Preta). Um artigo físico ou um serviço braçal só pode atender um consumidor de cada vez. Um bem conceitual virtual pode ser consumido simultaneamente por vários consumidores (muitos, milhares...milhões).

“Se os cavalos voltassem, jamais teríamos os carros”. Abaixo o *de já vu...*

Que tipo de educação, que modelo de escola é capaz de preparar nossos jovens para novos empregos da era do conhecimento?

A melhor escola é a que capacita para o aprendizado contínuo e flexível. Aprender a aprender e a perceber a direção do conhecimento. O ensino deve despertar paixões e curiosidades, além de aproximar as pessoas de seus desejos, dando-lhes os instrumentos adequados.

Que instituições podem estimular esse tipo de escola?

- ✓ Boas escolas básicas com um elemento essencial: professores que ensinem com paixão e sem preconceito;

- ✓ Com abordagens curriculares transversais, com aplicações práticas das ferramentas de matemática e linguagem à compreensão cotidiana do mundo.
- ✓ Legislações e sistemas que assegurem o retorno da criatividade, mediante o respeito aos direitos de propriedade intelectual e a difusão máxima de inovações.
- ✓ Mercados de capital confiáveis, no qual o risco limite-se à escolha consciente entre opções excludentes e não da manipulação de privilégios.
- ✓ Leis trabalhistas flexíveis e burocracia mínima e confiável (segurança jurídica e agilidade burocrática).
- ✓ Democracia: equidade e estabilidade política.
- ✓ Confiança na estabilidade das instituições.

O que puder ser feito será feito enquanto você pensa se deve ou não fazê-lo. Por quê? Porque todos os processos analógicos estão sendo digitalizados, tornados móveis/portáteis e personalizados (pessoais). Todo mundo tem acesso a tecnologias poderosas, portanto, é preciso criatividade e imaginação para fazer a diferença e oferecer algo original.

Não se pode contar com o mercado para suprir a falência do Estado em prever um governo decente!"

* Resumo do livro "O mundo é plano", THOMAS L. FRIEDMAN, 2006, 545 páginas, Editora Objetiva.